

Só a esquerda está definida

ROBSON BARENHO

BRASÍLIA — A maioria dos 80 milhões de eleitores brasileiros e brasileiras parece fingir que ainda não lhe diz respeito a sucessão presidencial. Deu seu recado em novembro de 88 e agora, à espera de outro novembro, espia o mo-

vimento dos políticos com a quietude de quem prepara um golpe sem saber, precisamente, com que aliados e contra quem. Deve estar confusa. A nove meses da primeira eleição presidencial direta em 29 anos, quase não há regras para o pleito e a relação de candidatos está indefinida o suficiente para permitir o surgimento de autocandidatos e de nomes apoiados num só cabo eleitoral.

Não é o que está acontecendo nos quadros chamados "de esquerda". Essas correntes já se dividem entre as candidaturas do deputado Luiz Inácio Lula da Silva, pelo PT; do ex-governador Leonel Brizola, pelo PDT; do deputado Roberto Freire, pelo PCB, e do senador Mário Covas, pelo PSDB. Extra-oficiais, porque dependem formalmente das convenções partidárias, essas candidaturas se revelam incontestáveis, no entanto, dentro dos quatro partidos. Os embaraços e, a rigor, todas as dúvidas estão concentrados nos segmentos políticos apontados como de centro, centro-direita e direita. É nessa ampla área indefinida que o senador João Menezes, por exemplo, encontra espaço para transitar na condição de único cabo eleitoral declarado do general Leônidas Pires Gonçalves, ministro do Exército. Também é por aí que o empresário Paulo Maluf anima-se a lançar sua própria candidatura, como sempre fez. E, novamente, é no es-

paço do centro para a direita que o ex-presidente e ex-prefeito Jânio Quadros se autoproclama candidato.

No centro do espectro político e, da mesma forma, no centro das discussões sobre o quadro de candidaturas à Presidência da República, está o maior aglomerado de correntes políticas que se formou na história republicana do País: o PMDB.

Responsável pela eleição de Tancredo Neves e pelo governo de José Sarney, junto com o PFL, o maior partido brasileiro está sem rumo e sem candidato, sob ameaça de rachar praticamente ao meio no dia 12 de março. Nesse dia, uma chapa liderada pelo deputado Ulysses Guimarães e outra patrocinada pelo presidente José Sarney se enfrentarão para definir quem terá a maioria do partido. Os dois lados já avisaram que a minoria deixará o PMDB. Como não está claro quem integrará a minoria, se abrem muitas hipóteses sobre seu destino e, especialmente, se torna prematuro estimar quem receberá mais derrotados do PMDB.

Certo, porém, é que de algum modo todas as agremiações estão de olho no resultado do primeiro grande confronto travado entre as principais correntes peemedebistas e, também, pela primeira vez formalmente, entre o governo Sarney e a parcela do PMDB que segue a liderança de Ulysses Guimarães.

Pela primeira vez em dois turnos de votação, e com eleitores recém-chegados à idade de 16 anos, a eleição presidencial começa a chegar às ruas por **outdoors**, cartazes, decalques e outros meios. E começam a aparecer os candidatos — mas ainda são poucos. Em todo caso, onde não há candidatos há tendências, e já é possível saber quem ocupará e quem poderá ocupar, no horário nobre da televisão, o espaço que "Sassá Mutema", de O Salvador da Patria, hoje ocupa só e soberanamente.



Ricardo Chaves/AE

Sarney, "hostilizado": melhor nome é Íris